



A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA: A EXPERIÊNCIA DE UM PIBIDIANO ATUANDO NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

Marcos Vinícius Carvalho Lidório ¹
Dedilene Alves de Jesus-Oliveira ²

RESUMO

A participação de licenciandos no ambiente escolar é fundamental à formação profissional desses indivíduos, pois possibilita que conheçam na prática as múltiplas dimensões da profissão docente e reflitam sobre a realidade do ensino público brasileiro. É neste contexto que, por meio da participação como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – que possibilita o acompanhamento periódico de aulas de Língua Portuguesa em uma instituição pública de ensino básico da cidade de Viçosa, Minas Gerais – tem-se observado a recorrência de comportamentos desrespeitosos e indisciplinados por parte de alunos das turmas do 2º ano do Ensino Médio em que se atua. Nesse sentido, com base nos pressupostos teóricos de autores como Bourdieu (2012), Parrat-Dayan (2008) e Aquino (1996), o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre esses comportamentos, bem como discutir como essas condutas impactam nos diversos processos na sala de aula. Como resultado, observa-se que a recorrência do desrespeito em sala de aula não compromete apenas os indivíduos diretamente envolvidos nessa adversidade, mas também gera transtornos significativos à sala de aula como um todo, dificultando a efetividade dos processos de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Desrespeito, Sala de aula, Indisciplina, Pibid.

INTRODUÇÃO

Embora a indisciplina em sala de aula no Brasil não seja algo novo, tem-se observado uma acentuação dessas condutas por parte dos alunos nos últimos anos. Basta acessar qualquer site de busca para traçar, com certa facilidade, um histórico bastante expressivo de notícias evidenciando essa problemática. Além disso, é cada vez mais comum que professores utilizem suas redes sociais para compartilhar as adversidades acerca do seu trabalho docente. Apesar de relatarem diversas dificuldades para exercerem o magistério, o mau comportamento dos alunos é frequentemente destacado pelos docentes como um dos maiores desafios para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem.

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa- UFV, marcos.lidorio@ufv.br;

² Docente do Curso Curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa- UFV, dedilene.oliveira@ufv.br.





Além das redes sociais, esse consternamento em relação às atitudes dos alunos também pode ser observado nos dados da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Talis), divulgados pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). O estudo realizado em 2024 aponta que 44% dos professores brasileiros relataram perder muito tempo de aula em virtude da interrupção de seus alunos, o que atinge um total de 21% da aula gasto com a organização da turma. Esses dados não só corroboram que boa parte dos professores da educação básica brasileira vive um mal-estar coletivo crescente no que diz respeito à indisciplina em sala de aula, mas também demonstram que o ensino, função primordial do docente, fica de escanteio, o que pode gerar nele uma grande frustração quanto ao seu magistério, além de grande desgaste emocional, que pode culminar, portanto, no abandono de sua profissão.

Nesse sentido, cabe destacar também o estudo realizado pelo Instituto Samesp em 2022, que aponta para uma iminente escassez de professores no Brasil, motivada, entre outros fatores, pela precariedade das condições de trabalho e pela violência em sala de aula. De acordo com os resultados, em 2040 a Educação Básica pode carecer de cerca de 235 mil profissionais para preencher a vacância de seu corpo docente.

Em vista disso, o presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência de iniciação à docência de um discente de Letras da Universidade Federal de Viçosa, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), núcleo de Língua Portuguesa, cujas ações estão sendo desenvolvidas em uma escola estadual da cidade de Viçosa - Minas Gerais. No decorrer das atividades do programa, observou-se um agravamento comportamental por parte dos alunos de uma das turmas de Ensino Médio acompanhadas, o que compromete diretamente na efetividade dos processos educativos em sala de aula, como já referido.

Inicialmente, como embasamento teórico, foram utilizados os estudos de Parrat-Dayan (2008) e Aquino (1996) para realizar uma discussão acerca da ideia que se tem acerca da indisciplina e, posteriormente, Bourdieu (2012), para a associação desta com o conceito de violência simbólica.

Desse modo, para Parrat-Dayan, a ideia que se tem normalmente acerca da indisciplina é criada a partir da confrontação desta com a concepção de disciplina como “regra de conduta comum a uma coletividade para manter a boa ordem e, por extensão, a



obediência à regra.” (Parrat-Dayan, 2008, p. 10). Além disso, ela aponta a existência de penalidades quando há a ruptura dessa regra, de modo que “o conceito de disciplina está relacionado com a existência de regras; e o de indisciplina, com a desobediência a essas regras.” (Parrat-Dayan, 2008, p. 10).

Somado a isso, a autora discute ainda a visão acerca da indisciplina nos séculos XIX e XX. De acordo com ela, à esta época, o professor era tido como “figura autoritária por excelência”, uma vez que fazia valer suas regras sem renegociá-las com os alunos. Estes, como demonstra, “não podiam falar nem perguntar, e deviam permanecer num silêncio absoluto dentro e fora da aula”. Ela adiciona ainda que embora não fosse constante, a indisciplina fazia parte desse contexto (Parrat-Dayan, 2008, p. 10).

Analogamente, sob a luz de um olhar sócio-histórico, Aquino (1996) também discute esse modelo autoritário de disciplina na chamada “educação de antigamente”. O autor expõe que as medidas tomadas em relação às digressões comportamentais envolviam o “controle e ordenação do corpo e da fala” dos indivíduos, de modo que não lhes era permitido falar ou movimentar-se em sala de aula; e fora dela, similarmente, os alunos deviam manter-se contidos (p. 43).

O autor aponta ainda que

[...] com a crescente democratização política do país e, em tese, a desmilitarização das relações sociais, uma nova geração se criou. Temos diante de nós um novo aluno, um novo sujeito histórico, mas, em certa medida, guardamos como padrão pedagógico a imagem daquele aluno submisso e temeroso. De mais a mais, ambos, professor e aluno, portavam papéis e perfis muito bem delineados: o primeiro, um general de papel; o segundo, um soldadinho de chumbo (Aquino, 1996, p. 43).

Diante do exposto, verifica-se uma instabilidade quanto à noção de indisciplina. Para Parrat-Dayan (2008, p. 10), “[...] o conceito de indisciplina não é estático, nem uniforme, nem universal”, posto que como uma criação cultural, pode sofrer oscilações de cunho histórico, cultural e social, no que tange aos valores e às expectativas aos quais se associa; já como uma concepção particular a um indivíduo, o que é percebido como indisciplina por um professor pode não ser percebido por outro, o que contribui significativamente para a instabilidade de sua conceitualização.

Além disso, como aponta Aquino (1996), os motivadores da indisciplina são múltiplos, não sendo possível, dessa maneira,



[...] assumir que a indisciplina se refira ao aluno exclusivamente, tratando-se de um problema de cunho psicológico/moral. Também não é possível creditá-la totalmente à estruturação escolar e suas circunstâncias sócio-históricas. Muito menos atribuir a responsabilidade às ações do professor, tornando-a um problema de cunho essencialmente didático-pedagógico (Aquino, 1996, p. 48).

Assim, mesmo que o aluno não seja inteiramente responsável por seu comportamento disruptivo, é por meio desse indivíduo que essa atitude ganha a sala de aula, causando, de modo geral, graves distúrbios a todos os seus participantes e principalmente ao professor, que encontra-se à frente da turma. Desse modo, embora o objetivo deste trabalho seja discutir a indisciplina discente, não é possível falar dela sem resvalar no que o filósofo francês Pierre Bourdieu cunhou como violência simbólica.

Para o autor, violência simbólica nada tem que ver com o uso da força física, sendo, portanto, um tipo de violência “[...] suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.” (Bourdieu, 2012, p. 7-8).

Dessa forma, não seria possível caracterizar as atitudes desrespeitosas em sala de aula como uma violência de cunho material. No entanto, elas se encaixam perfeitamente no conceito de Bourdieu, uma vez que recorrem a um conjunto de símbolos para desafiar a autoridade do professor. Portanto, como aponta Parrat-Dayan,

da parte do professor, parece haver medo de pôr limites, de estabelecer regras claras e simples que possam ser cumpridas, assim, ser considerado autoritário. Dessa maneira, se antes os alunos podiam ser reféns dos professores, hoje acontece o inverso: docentes viraram reféns dos alunos, perdendo assim a autonomia e o respeito que merecem (Parrat-Dayan, 2008, p. 9).

Em suma, com base no que foi exposto, fica evidente que a indisciplina em sala de aula é complexa tanto em sua conceituação, visto que pode ser vista sob múltiplos vieses, quanto como fenômeno em sala de aula, onde se expressa pelas vias da violência simbólica. Nesse sentido, o relato que será feito mais adiante examina a indisciplina a partir de experiências oriundas de uma iniciação à docência, com ênfase em seu impacto sobre a prática docente e no processo de ensino-aprendizagem.





METODOLOGIA

Este relato fundamenta-se nos aspectos observados durante as aulas de Língua Portuguesa, acompanhadas no âmbito do PIBID Letras-Português da Universidade Federal de Viçosa. Como parte do cumprimento das atividades do programa, os bolsistas devem observar regularmente as aulas ministradas pela professora supervisora, bem como desenvolver e aplicar atividades interventivas em suas turmas, perfazendo um total de oito horas semanais em sala de aula. Durante o desenvolvimento dessas atividades em uma das turmas do Ensino Médio, notaram-se repetidas manifestações de indisciplina por parte de um grupo de alunos, cujos impactos incidem severamente no processo de ensino-aprendizagem

Em vista disso, a metodologia escolhida para a realização deste trabalho é de cunho qualitativo (Martins, 2022), com uma perspectiva descritiva e exploratória (Gil, 2002).

De acordo com Martins (2022), embasado por Minayo (2010)

[...] a pesquisa qualitativa é adequada quando se trabalha com questões muito específicas e pormenorizadas, em um nível da realidade factual que não pode ser mensurado e quantificado. Atua com base em significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes e outras características subjetivas próprias do humano e do social que correspondem às relações, aos processos ou aos fenômenos, e não podem ser reduzidas às variáveis numéricas. (Martins, 2022, p. 39)

No que diz respeito às perspectivas descritiva e exploratória, Gil (2002) expõe que a primeira “[...] tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (p. 42), enquanto a última se ocupa fundamentalmente da “[...] descrição das características de determinada população ou fenômeno”, podendo ter, assim como a primeira, o objetivo de estabelecer relações entre variáveis (p. 41).

A EXPERIÊNCIA DO PIBID

Contextualização





Um dos núcleos do PIBID de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Viçosa, edição 2024-2026, encontra-se instalado em uma escola estadual localizada em um bairro afastado da região central da cidade de Viçosa - Minas Gerais. Essa instituição de ensino básico atende tanto alunos de seu próprio bairro, quanto alunos da zona rural e periférica da cidade, que são distribuídos em duas etapas de ensino: fundamental, anos iniciais e finais, e médio. Esses alunos, como aponta o Projeto Político Pedagógico da escola, são oriundos, em sua maioria, de famílias de nível socioeconômico baixo, cujos ofícios se concentram principalmente no trabalho rural, autônomo, comércio e funcionalismo público.

Atualmente, a escola conta com oito bolsistas de iniciação à docência que, divididos entre os vários níveis de escolaridade, realizam a observação das aulas de LP, bem como desenvolvem atividades diversas junto às suas respectivas professoras supervisoras, cumprindo uma carga horária total de oito horas semanais. Desse modo, este relato tem respaldo nas ações desenvolvidas em uma das turmas do 2º ano do Ensino Médio, cujo comportamento de alguns alunos tem se destacado de maneira negativa.

Nesse sentido, a referida turma possui cerca de 28 alunos e, embora apresente um perfil misto, no que tange à raça, é composta majoritariamente por indivíduos brancos; quanto ao gênero, a maioria é formada por estudantes do sexo feminino. O relato sobre a indisciplina discente que será desenvolvido logo em seguida foi motivado, sobretudo, pela recorrência de comportamentos disruptivos de estudantes desse último grupo.

O relato de experiência

Tendo em vista a rotatividade de bolsistas dentro do PIBID, embora suas ações tenham sido efetivamente iniciadas no segundo semestre de 2024, novos pibidianos acabam sendo selecionados da lista de espera com o projeto já em andamento. Nesse caso, cumpre, assim, destacar que este relato tem como base uma experiência de iniciação à docência iniciada em fevereiro de 2025, que se estende até o momento.

Logo nas primeiras semanas de inserção na escola no âmbito do projeto, das turmas do 2º ano do Ensino Médio acompanhadas, uma logo se destacou no quesito comportamento: os alunos conversavam demasiadamente durante as aulas, de modo que, com frequência, a professora interrompia a explanação do conteúdo para pedir que reduzissem o barulho. Embora esses alunos tenham sobressaído em relação aos indivíduos pertencentes às outras



turmas, não seria verdade afirmar que essa era uma atitude exclusiva deles, já que também podia ser observada nos outros 2º anos.

Essa situação passou, dessa maneira, a ganhar outros contornos à medida que foi verificado que, além da conversa compartilhada pela maioria dos estudantes, um pequeno grupo de cinco alunas também confrontava, de maneira constante e incisiva, a professora supervisora. Cabe destacar que a configuração do referido grupo permanece inalterada desde o início do ano, de modo que, salvo alguns acréscimos eventuais, são sempre as mesmas discentes envolvidas em situações de conflito em sala de aula.

Levando em conta que essas alunas se sentam com muita proximidade dentro de sala, mais especificamente ao fundo dela, a interrupção no seu comportamento muitas vezes tem início em uma conversa que vai, pouco a pouco, aumentando de tom, até atingir um volume injustificável, que acaba atrapalhando o andamento da aula. Outras tantas vezes, se instaura a partir de barulhos desconexos, altas gargalhadas e, mais recentemente, de maneira bem singular, brincadeiras onomatopéicas imitando os sons de certos animais a cada vez que a regente se voltava para a lousa.

Essas condutas revelam uma falta de maturidade dessas alunas que, além de não aceitarem a repreensão da professora quanto a sua conduta, a transformam em uma narrativa de perseguição que utilizam como desculpa para retaliar com ainda mais indisciplina, bem como respaldar seus atos. Com efeito, ao terem seus maus modos apontados, levantam a voz para a professora, questionando veementemente a razão de tê-lo feito.

Nesse contexto, em conversas fora da sala de aula, a regente da turma relatou ter receio de confrontar o comportamento inadequado dessas estudantes todas as vezes que ele acontece, com medo de ser prejudicada dentro da escola. Segundo ela, as alegações de suas alunas a seu respeito já chegaram a ser levadas até a supervisão, o que, aparentemente, a deixou em estado de alerta.

Essa situação relatada pela professora fica evidente durante as aulas. Por um lado, os pibidianos observam certas atitudes vindas dessas alunas que, em posterior discussão, consideram intoleráveis; por outro, a docente tenta relevá-las o máximo possível. Fica evidente também que, junto ao temor das sanções escolares, soma-se a isso a exaustão de ter que lidar constantemente com essa problemática.



Em outro momento, a professora supervisora relatou ter levado esse caso ao conhecimento das autoridades escolares por mais de uma vez, mas nenhuma ação foi tomada para solucionar o problema. Desse modo, em face dessa questão, fica evidente que o objetivo da docente já não é mais resolvê-la, mas evitar se desgastar ainda mais. Diante disso, as alunas parecem ganhar cada vez mais confiança para agirem da maneira como agem, afinal, ninguém toma nenhuma atitude efetiva quanto ao seu mau comportamento.

Além do professor, os alunos, de modo geral, incluindo os que causam distúrbio na classe, são afetados pela indisciplina, uma vez que se nota que, a cada episódio, eles se dispersam da aula, bem como enfrentam dificuldades para compreenderem o conteúdo. Nesse sentido, vale destacar que essa turma possui defasagens muito significativas em Língua Portuguesa, principalmente no que se refere à produção textual.

Esse déficit se tornou evidente por meio de um projeto de redação modelo Enem que vem sendo realizado pelos pibidianos com esses alunos, cujos problemas diagnosticados atravessam desde as questões mais básicas, que vão de ortografia e acentuação, por exemplo, até as mais complexas, como a formulação de uma tese e a defesa de um ponto de vista.

Assim, considerando o exposto, foi observado, portanto, que a indisciplina em sala de aula causa grandes impactos ao processo de ensino-aprendizagem, já gera prejuízos à relação entre professor e aluno, ao mesmo tempo que dificulta o aprendizado dos conteúdos ensinados pelo docente e, do mesmo modo, a superação da defasagem em relação aos conteúdos não efetivados nos anos anteriores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do que foi exposto, observa-se que, embora o conceito de indisciplina seja instável e apresente múltiplas interpretações, ele se encontra presente em uma grande parcela das salas de aulas do ensino básico brasileiro. Basta consultar os dados da pesquisa Talis aludidos na introdução desse trabalho para mensurar a dimensão dessa problemática. O mau comportamento do alunado ultrapassou os limites da percepção individual, de modo que agora tem sido evidenciada a partir de um desconforto coletivo dos docentes.





Assim, embora esses indivíduos não possam ser responsabilizados sozinhos por seu comportamento inadequado, como apontam Parrat-Dayan (2008) e Aquino (1996), é por meio de suas ações que essa multiplicidade se aglutina e se materializa no dia a dia da sala de aula, causando impactos significativos não só para a efetivação dos processos educativos, mas também ao professor que está à frente deles.

Nesse sentido, uma vez que o docente se sente acuado diante das ações desrespeitosas de seus alunos, ao mesmo tempo que, ciente, a escola não age efetivamente para solucionar o problema, não seria imprudente afirmar que esse profissional sofre uma violência simbólica, como conceituado por Bourdieu (2012). Deste modo, se por um lado há o excesso de indisciplina, por outro há a ausência de um posicionamento institucional e, no meio de ambas, o professor, sozinho e vulnerável.

Desgastado com tantas adversidades em sala de aula, ele já não tenta mais controlar a turma e se resigna para não sofrer mais violência. E, ainda que esta não chegue, de fato, a ganhar uma materialidade física, acontece, por exemplo, mediante os olhares de julgamento dos discentes, o tom agressivo de suas vozes, o não reconhecimento da autoridade do professor e o escárnio com que se dirigem a ele.

Além disso, pode-se dizer que a violência causada por esse conjunto de símbolos atinge também os pibidianos que, ao se colocarem no lugar de seu professor supervisor, fazem suposições sobre o futuro exercício de sua profissão e se entristecem, temendo vivenciar a mesma realidade.

Com base no exposto, fica evidente que devido ao impacto generalizado da indisciplina em sala de aula, não deve ser função do professor solucioná-la sozinho, de modo que, ao receber seu apelo, a escola deve buscar entender o problema com maior profundidade e não se omitir diante dele ou, até mesmo, normalizá-lo. Uma vez que são numerosos os fatores que envolvem essa problemática, igualmente numerosos devem ser os agentes empenhados em sua resolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi relatar uma experiência de iniciação à docência no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), núcleo de Língua Portuguesa, em uma escola estadual da cidade de Viçosa-Minas Gerais. Nesse





contexto, tem sido observada uma indisciplina acentuada por parte de um pequeno grupo de alunas do 2º ano do Ensino Médio desta instituição. Mediante isso, o professor sofre uma violência simbólica por ter sua autoridade ignorada pelos alunos e pela percepção da omissão institucional. Além disso, o desrespeito em sala de aula mostrou impactar toda a turma, uma vez que causa distúrbios que dificultam o aprendizado em uma turma que já apresenta déficits significativos de aprendizagem. Vale ressaltar que esse comportamento dos alunos também fere a identidade docente dos pibidianos, suscitando neles incerteza e temeridade quanto ao futuro exercício da profissão. Portanto, evidenciou-se que a recorrência do desrespeito em sala de aula não compromete apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas também gera transtornos significativos à sala de aula como um todo.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio Groppa, (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 39–55.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUTO SEMESP; MK Estatística. **Risco de apagão de professores no Brasil**. São Paulo: Instituto Semesp, 2022. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2022/09/pesquisa-semesp-1.pdf>. Acesso em: 14 out. 2025.

MARTINS, Ronei Ximenes, (org.). **Metodologia de pesquisa científica: reflexões e experiências investigativas na educação**. Lavras: Ed. UFLA, 2022.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Results from TALIS 2024 – Country Notes: Brazil**. Paris: OECD, 2024. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/results-from-talis-2024-country-notes_e127f9e2-en/brazil_1e93d3b5-en.html. Acesso em: 14 out. 2025.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. E-book. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788572445054/>. Acesso em: 07 out. 2025

